



## DISCUTINDO GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.

Autor (1) Felipe Salviano Ramos; Co-autor (1) Édja Larissa Simão de Lacerda Gomes; Co-autor (2) Juliete Freitas Neves; Co-autor (3) Ana Lara Diniz Fontes; Orientador (4): Lauri Miranda Silva

<sup>1</sup>Faculdade Santa Maria- PB [felipeeesalviano@hotmail.com](mailto:felipeeesalviano@hotmail.com)

<sup>1</sup>Faculdade Santa Maria- PB [Bedjalarissa@outlook.com](mailto:Bedjalarissa@outlook.com)

<sup>2</sup>Faculdade Santa Maria- PB [julieteneves@hotmail.com](mailto:julieteneves@hotmail.com)

<sup>3</sup>Faculdade Santa Maria- PB [Zuilma.20.zs@gmail.com](mailto:Zuilma.20.zs@gmail.com)

Prof<sup>o</sup> Ms. Universidade Federal de Rondônia [Lauryyano@gmail.com](mailto:Lauryyano@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo compreender a necessidade de se discutir com maior veemência as questões referentes ao gênero e a sexualidade destacando o potencial desestabilizador dessas categorias em sua relação com a educação. Justifica-se pela possibilidade de contribuir para um melhor aperfeiçoamento das relações interpessoais nos dias atuais, priorizando e respeitando as particularidades do outro mediante sua condição humana. A metodologia que norteou a pesquisa consiste em pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Desse modo, a sexualidade como política resulta de lutas e ações sociais distintas ao longo das últimas décadas, demonstrando que a igualdade de direitos e o respeito à sexualidade do outro é um dever que precisa ser discutido e ampliado no âmbito educacional.

Palavras-chave: Diversidade, Educação, Gênero, Respeito, Sexualidade.

Quebra de seção contínua.

### INTRODUÇÃO

Diante da necessidade de se construir uma sociedade mais tolerável e justa em suas ações, é urgente a disseminação de ideias e valores centrados no ser humano e na sua condição de igualdade perante as leis e os homens. Nessa perspectiva, a educação desenvolvida nas instituições de ensino surge como possibilidade de alcance para atingir o íntimo de cada sujeito que, por ela passar.

Considerando o preconceito e a

discriminação como vieses para a prática da injustiça e da insatisfação, torna-se explícita a necessidade de identificar e enfrentar as dificuldades que, ora, se apresentam ao promover os direitos humanos. Esses entraves tendem a desestabilizar e subverter a homofobia de forma problematizadora.

Debater sobre gênero, sexualidade e educação consiste em abrir vieses para o



enfrentamento direto às práticas desumanas e perversas de pessoas que acreditam que o heterossexualidade está acima de qualquer gênero ou orientação sexual. Nesse contexto, esta pesquisa está orientada pelos seguintes objetivos: tratar sobre a possibilidade de trabalhar nas escolas as diferenças sexuais em termos de igualdade de gêneros, identificar os maiores desafios enfrentados por grupos opostos ao hetornormativos, apontar soluções para a construção do respeito e da cidadania ante a igualdade de direitos.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada consiste em pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, mediante análise de teorias sobre a temática. Considera-se, portanto, a racionalização de ideias e resultados de estudos que discorrem sobre gênero, sexualidade e educação sob uma ótica crítica e abrangente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo da história de construção e evolução dos direitos humanos, muitos movimentos revolucionários aconteceram em várias partes do mundo, buscando a valorização do sujeito enquanto ser humano que independe de gênero e características físicas. O século XX representou o marco de emancipação das mulheres e alcance da liberdade no pós-guerra, de um modo geral, e pós-autoritarismo no Brasil.

Essas buscas e lutas incessantes pela liberdade e igualdade de direitos alavancaram os movimentos feministas e LGBT levando a inserção da sexualidade como prática educativa nas escolas. Diante de todos os avanços nas áreas educacionais e da saúde, bem como em todos os setores da vida social e do mundo, os jovens vivem na era da informação nunca vivida antes nessa amplitude, e toda essa modernidade facilita o estudo, o ensino e o conhecimento de forma positiva, pois os adolescentes usufruem de diversas formas de conhecimento não dependendo apenas dos pais em conversas secretas ou de conselhos e ensinamentos de amigos mais experientes que contavam e informavam à sua maneira, priorizando os seus instintos e situações vividas.

Nessa perspectiva, Junqueira (2009) destaca que a prática da homofobia entre os diversos segmentos da sociedade é uma realidade que, mesmo indiretamente, passou a ser praticada nas escolas mediante a propagação de que, apenas, homem/mulher atendem ao estereótipo ideal exigido pela sociedade.

Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas. Somos também desafiados a construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

executarmos políticas educacionais inclusivas. (JUNQUEIRA, 2009, p.16)

Apesar dos avanços adquiridos através de debates, encontros e perpetuação do sentido de igualdade de forma totalitária, escola e professores encontram desafios diários ao lidar com alunos homossexuais, bissexuais ou transexuais. A sala de aula que deveria representar o espaço para o diálogo sobre as diferenças, apresenta-se, muitas vezes, como um campo de embate de divergências que não coincide com seu propósito de educar e oferecer a sociedade sujeitos toleráveis e conscientes.

As lutas pela igualdade de direitos tem levado uma diversidade de gêneros à escola, mesmo que isso represente um assujeitamento e resistência à ordem normativa. Reconhecendo os empecilhos apresentados e um longo caminho a ser percorrido, essa população consegue aos poucos obter representações na política, na justiça, na educação e demais esferas civis, demonstrando que num mundo de diversidades, ser diferente é normal. Sobre a importância de incluir de maneira significativa os diferentes sujeitos sociais na educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) asseguram que:

A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor o respeito às diferenças e não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, ao contrário, fator de seu enriquecimento [...] A atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com

o direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização. (BRASIL, 199, p.93)

Hoje, os meios de comunicação oferecem informação a todo o momento de forma gratuita, as escolas disponibilizam uma orientação sexual melhorada, planos direcionados para o assunto, palestras de boa qualidade com profissionais experientes e livros atualizados. Algumas famílias, também, estão mais bem preparadas para tratar sobre o tema sem receios e conversar com os filhos mais abertamente sem considerá-los eternas crianças desprotegidas e incapazes de caminhar sozinhos.

Todas as esferas municipais, estaduais, nacionais e mundiais preocupam-se com o ser em formação e sua posição diante do mundo em que vive e, portanto, as organizações governamentais e não governamentais trabalham num sistema que envolve a educação sexual para adolescentes e educação compreensiva sobre a sexualidade adolescente para adultos, pais ou responsáveis pelos mesmos. É preciso entender os jovens para ajudá-los a seguir os melhores caminhos nessa idade, sem julgar ou desmerecer suas orientações, dando-lhes exemplos e suporte para crescerem de maneira saudável e inteligente.

Entre tantos riscos existentes nessa fase da vida, alguns merecem destaque: o preconceito para com a diversidade sexual e

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as incertezas presentes nessa idade, o *bullying* que costuma resultar do preconceito e da intolerância e demais outros agravantes sociais que causam transtornos e afetam o ser para toda a vida. Todos esses problemas podem se ausentar da vida juvenil se este tiver preparo para enfrentar as próprias angustias, se tiver apoio familiar, amigos bem informados e uma boa formação escolar.

Claro que, nada nem ninguém vai ausentar da vida do indivíduo, principalmente em fase de desenvolvimento, as crises típicas a essa faixa etária, mas é preciso um apoio familiar e psicológico para que as crises existenciais aconteçam de forma branda, numa postura mitigada e tênue. Assim, o que pode ser um problema, uma preocupação e uma parábola inquietante, transforma-se em apenas mais um caso de mulher, homossexual ou simpatizante na sociedade, agindo e interagindo no mundo.

A escola em consonância com a família e a sociedade deve desenvolver um trabalho dinamizador, que esqueça a omissão e desenvolva uma cultura de paz e serenidade pautada nas características específicas dos discentes. No entanto, de acordo com Silva Junior (2013) é preciso um esforço coletivo, pois

Se os estereótipos que influem na demarcação estigmatizada dos desempenhos que definem o homem e a mulher não forem visibilizado e discutidos, não será possível uma verdadeira reeducação sexual. Acredita-se, mesmo, que o fluxo de consolidação desses

estereótipos exerce um forte apelo se prosseguir reproduzindo os mesmos mecanismos heteronormativos e coercitivos de poder. A sociedade, então, acaba ecoando a matriz que se origina no nível da macroestrutura social, no qual predominam a barbárie e a exclusão. Se essa matriz não for visibilizada e questionada, o resultado será o recrudescimento do preconceito, da discriminação, da exclusão e da violência. (SILVA JUNIOR, 2013, p.86)

A desmistificação das estruturas indenitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual produzida no decorrer da história pelo discurso educacional e pela mídia, torna-se necessária nos dias atuais, tendo em vista que cabe ao professor aprender a lidar com as primeiras manifestações da sexualidade da criança na Educação Infantil, mesmo que isso possa lhe causar estranhamento e desafios ao exercício profissional.

Sobre a possibilidade de discutir veementemente sobre a diversidade sexual nas escolas e entre os grupos, sejam estes familiares ou de amigos, Foucault (2003) salienta que:

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema “Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?”. Quem sabe, seria melhor perguntar: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?”. O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, para, além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. (FOUCAULT, 2003, P. 1)

Esse ponto de vista aponta para o autoconhecimento como princípio norteador do vir a ser, fazer e contribuir à sua maneira para a garantia do respeito e das

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

individualidades intrínsecas. Quando o indivíduo reconhece-se como participante ativo e influenciador de ideias e verdades convenientes, ele se torna capaz de assumir-se enquanto pessoa detentora de desejos e vontades próprias.

Outro fator importante entre as lutas e movimentos em prol da afirmação homossexual foi à criação do termo *queer* pelos franceses nos anos 80 para referir-se a cultura intelectual gay e lésbica, opondo-se a heteronormatividade. No entanto, essa expressão passou a ser discutida nos meios educativos devido a sua centralidade. O caráter irreverente da teoria *queer* que define um grupo como diferente, pode segundo Furlani (2009) esbarrar na estratégia intelectual que a coloca como contrária a qualquer imposição, norma ou padrão fixo.

Entendida como o espaço fundamental para a construção do conhecimento e a comunhão das diferenças, a escola deve combater as diferentes formas de exclusão, reconhecendo na heterogeneidade o estabelecimento de padrões de respeito e ética na garantia de direitos sociais. A construção da identidade do sujeito se faz em sua vivência diária, independentemente, do gênero, sexualidade ou formas de pensar.

### CONCLUSÃO

Para compreender a dimensão das questões referentes a gênero e a sexualidade

destacando o potencial desestabilizador dessas categorias em sua relação com a educação, faz-se necessário uma discussão acentuada em relação a essa temática nas escolas desde as séries iniciais até a academia. Uma educação voltada para o diálogo e a disseminação de ideias tende a possibilitar a promoção do respeito à integridade física, psíquica e emocional dos diferentes sujeitos em sociedade.

Os caminhos que proporcionam a efetivação da educação igualitária e soberana devem ser construídos e reconstruídos diariamente conforme a formação e perspectivas dos sujeitos sociais, tendo em vista que a comunhão das diferenças acontece através do comprometimento de um grupo e deu povo com uma causa. É preciso haver compromisso educacional e social com a diversidade que constitui os diversos ambientes a nível nacional e mundial, promovendo lutas e movimentos em prol da aquisição de direitos e cidadania.

O combate as diferentes manifestações de preconceito contra mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e transgêneros deve ir além do reconhecimento dessas categorias no multiculturalismo liberal. A educação não basta ser pautada no fim da homofobia ou centrada na teoria *queer*, opondo-se a heteronormatividade, é essencial um trabalho

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mútuo de valorização das diferenças e equidade de direitos.

Os direitos humanos e sexuais devem ser tratados pela educação como abordagens que superam o conceito de gênero, refletindo sobre padrões definidores de normalidade. Educar-se para a compreensão do corpo e dos desejos inerentes a ele significa desconstruir o mito de que o binômio homem/mulher e homossexual/heterossexual representam pontos extremos da sociedade.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares.** Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

FOUCAULT, M. **Da amizade como modo de vida.** Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em 27 abr. 2016.

FURLANI, Jimera. **Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer:** o que essas abordagens têm a dizer à educação sexual?. In: JUNQUEIRA, R, D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas.** Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, R, D. **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

SILVA JUNIOR. Jonas Alves. **Diversidade e educação:** apontamentos sobre sexualidade e gênero na escola. In: RANGEL, Mary (org.). **A escola diante da diversidade.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)